



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA
ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA
MESTRADO PSICOLOGIA FORENSE

**PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE
MITOS SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA
HOMENS: ESTRUTURA FATORIAL, FIABILIDADE E
VALIDADE DE CONSTRUTO NA POPULAÇÃO
PORTUGUESA**

Dissertação de Mestrado apresentada a provas públicas para a obtenção de
grau de mestre em Psicologia Forense, orientada pelo Professor Doutor Nélcio

Brazão

Raquel Morais de Carvalho

2024

www.ulusofona.pt

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA
ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA
MESTRADO PSICOLOGIA FORESNE

PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE
MITOS SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA
HOMENS: ESTRUTURA FATORIAL, FIABILIDADE E
VALIDADE DE CONSTRUTO NA POPILAÇÃO
PORTUGUESA

VERSÃO FINAL

Dissertação defendida em provas públicas na
Universidade Lusófona, Centro Universitário de
Lisboa no dia 18/01/2024, perante o júri,
nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º:
616/2024, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutora Patrícia Figueiredo

Arguente: Prof. Doutora Eunice Magalhães
(ISCTE-IUL)

Orientador: Prof. Doutor Nélio Brazão

Este trabalho também foi orientado por: Prof.
Doutora Carolina Da Motta

Raquel Morais de Carvalho

2024

Agradecimentos

Começo por agradecer ao Professor Doutor Nélcio Brazão, e à Professora Doutora Carolina Da Motta, por toda a orientação, rigor, disponibilidade e muita paciência que demonstraram ao longo da elaboração deste trabalho. Muito obrigada!

Também agradecer às minhas colegas e amigas de faculdade e estágio curricular, que sempre me apoiaram e motivaram a não desistir. Um especial agradecimento à minha grande amiga Catarina, que para além de me ouvir, incentivar e acreditar em mim, também me ajudou sempre que necessário, OBRIGADA minha açoriana!

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha mãe por toda a ajuda e encorajamento ao longo do meu percurso académico, e à minha irmã de coração, que mesmo longe sempre me apoiou, sem elas nada disto seria possível.

A todos vocês, que me apoiaram e acreditaram em mim, MUITO OBRIGADA!

Resumo

Este estudo teve como objetivo estudar as características psicométricas da Escala de Mitos sobre a Violência Sexual (VS) contra Homens. Testou-se ainda validade de construto relativamente a variáveis externas, nomeadamente crenças sobre a violência sexual, sexismo, empatia e compaixão. Adicionalmente, investigou-se se os mitos sobre a VS contra homens variavam em função de variáveis sociodemográficas, da orientação sexual e do conhecimento prévio de vítimas de violência sexual. Participaram neste estudo 400 adultos/as da população geral, que responderam a um protocolo online construído na plataforma *Qualtrics*. A análise fatorial confirmatória apontou para uma solução unifatorial, com bons indicadores de ajustamento. Relativamente à validade de construto, foram encontradas associações positivas dos mitos sobre a VS contra homens com as crenças sobre a VS e o sexismo; e associações negativas com a empatia e a compaixão. Pessoas do sexo masculino, heterossexuais, mais velhas, com menos escolaridade, de nível socioeconómico baixo e sem conhecimento de casos de VS foram aquelas que endossaram mais mitos sobre a VS contra homens.

A escala mostrou ser um instrumento fiável para avaliar mitos sobre a VS contra homens, podendo vir a ser utilizada como medida de resultado em estudos de eficácia de programas de prevenção da violência sexual.

Palavras-chave: mitos sobre a violência sexual contra homens, população portuguesa, psicometria, validade de construto, violência sexual.

Abstract

This study aimed to study the psychometric characteristics of the Male Rape Myths Scale. Construct validity was also tested in relation to external variables, namely rape myths, sexism, empathy, and compassion. Additionally, it was investigated whether male rape myths varied due to sociodemographic variables, sexual orientation, and previous knowledge of victims of sexual violence. Forty-four adults from the general population participated in this study, who responded to an online protocol developed on the Qualtrics platform. Confirmatory analysis pointed to a unifactorial solution of the scale, with good adjustment indicators. Regarding construct validity, positive associations were found between male rape myths with rape myths and sexism; and negative associations between male rape myths with empathy and compassion. Younger heterosexual men, with less education and from low socioeconomic status, and without previous knowledge of victims of sexual violence endorsed more male rape myths. The scale proved to be a reliable instrument to assess male rape myths, that may be used as an outcome measure in efficacy studies of sexual violence prevention programs.

Keywords: construct validity, male rape myths, Portuguese population, psychometrics, sexual violence.

Lista de Abreviaturas e Siglas

AFC – Análise fatorial confirmatória

ANCOVA – Análise de covariância

ASI - Ambivalent Sexism Inventory

BES-A – Basic Empathy Scale in Adults

EC - Escala de Compaixão Pelos Outros

ECVS – Escala de Crenças Sobre a Violência Sexual

e.g., - Por exemplo

EPCV – Escola de Psicologia e Ciências da Vida

ES – Escala de Empatia

SDRS-5 - Socially Desirable Response Set Five-Item Survey

VS – Violência sexual

WHO – World Health Organization

Índice

Índice de tabelas.....	8
Introdução	9
Metodologia	13
Participantes	13
Instrumentos	14
<i>Questionário sociodemográfico.....</i>	<i>14</i>
<i>Escala de Mitos sobre a Violência Sexual Contra Homens.....</i>	<i>14</i>
<i>Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS).....</i>	<i>15</i>
<i>Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA).....</i>	<i>15</i>
<i>Escala de Empatia (BES-A).....</i>	<i>15</i>
<i>Escala de Compaixão Pelos Outros (EC).....</i>	<i>16</i>
<i>Escala de Desejabilidade Social (SDRS-5)</i>	<i>16</i>
Procedimentos.....	16
Análise de Dados	17
Resultados.....	19
Frequências de respostas aos itens da Escala de Mitos sobre Violência Sexual Contra Homens	19
Análise Fatorial Confirmatória (AFC).....	20
Validade convergente e divergente	21
Análise De Co-Variância Unifatorial (ANCOVA).....	22
Discussão.....	23
Referências	26

Índice de tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica dos Participantes	13
Tabela 2. Tabela de Frequências das Respostas aos Itens da Escala de Mitos sobre Violência Sexual Contra Homens.....	19
Tabela 3. Pesos fatoriais dos itens.....	20
Tabela 4. Matriz de correlação entre os mitos sobre a VS contra homens e as variáveis externas	21
Tabela 5. ANCOVA a Fatores Fixos Com a Desejabilidade Social Como Co-Variável	22

Introdução

A violência sexual (VS) pode ser definida como qualquer tentativa e/ou ato sexual cometido contra uma pessoa que não é capaz de expressar o seu consentimento (e.g., a vítima encontra-se intoxicada, inconsciente ou mentalmente incapacitada), que se encontre incapaz de recusar o ato devido a agressões físicas ou ameaças verbais, ou que não consentiu qualquer ato de teor sexual praticado contra si (Basile et al., 2014; WHO, 2012). A VS inclui comentários ou actos sexuais indesejados com ou sem contacto físico; penetração por via oral, vaginal e/ou anal, com recurso a objetos e/ou partes do corpo, exercendo força física, pressão verbal, ameaças e/ou uso inapropriado da autoridade; tráfico humano para fins sexuais; casamento forçado; ou mutilação genital feminina (APA, 2018; APAV, 2022b; WHO, 2012; WHO, 2021).

No que diz respeito ao modo de atuação dos agressores sexuais, estes podem recorrer a estratégias *hands on*, que inclui a ameaça ou força física; ou estratégias de *hands off*, que incluem as estratégias de pressão verbal, chantagem psicológica e/ou ameaças (Carvalho & Sá, 2020; Carvalho et al., 2018).

A VS é comumente associada a agressores do sexo masculino (Budd, 2017). No entanto, este é um fenómeno universal que pode ocorrer em diversos contextos, independentemente do sexo, orientação sexual, etnia ou estatuto socioeconómico dos envolvidos, pelo que pessoas de ambos os sexos podem desempenhar o papel de agressor ou vítima (Scarduzio et al., 2017; Turchik & Edwards, 2012).

Relativamente à prevalência de crimes sexuais e segundo os dados da *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* (2018), 1 em cada 14 homens já foi vítima de VS ao longo da sua vida, sendo a faixa etária de 25 anos a mais vulnerável (NISVS, 2018). A nível nacional e conforme mencionado no relatório mais recente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), entre o ano 2013 e 2018, o número total de pessoas adultas vítimas de crimes sexuais foi de 3.636 (76.5%), sendo que 799 (15.3%) configuraram crimes de violação. Relativamente ao sexo da vítima, as estatísticas relativas a 2018 apontam para 1.065 mulheres e 101 homens (APAV, 2019).

No estudo de Turchik (2012) realizado com 302 participantes do sexo masculino, entre os 18 e 23 anos, 51.2% (n = 153) reportaram ter sido vítimas de VS pelo menos uma vez, 21.7% (n = 65) dos participantes foram vítimas de contacto sexual não desejado, 17.1% (n = 51) de violação e 12.4% (n = 37) de coação sexual. Congruentemente, um estudo mais recente realizado com 611 participantes, entre os 18 e 59 anos, mostrou que 21.4% (n = 131) dos homens foram vítimas de alguma forma de VS no âmbito de uma relação de intimidade, e 28%

(n = 171) foram vítimas de agressões sexuais graves (Hines & Douglas, 2016). No que diz respeito à população portuguesa, Machado et al. (2016) constataram que 91% (n = 89) dos homens que reportaram ter sido vítimas de violência nas relações de intimidade identificaram a VS como a terceira forma mais comum de violência (29.2%).

Adicionalmente, a investigação mostra que as vítimas do sexo masculino têm experiências e consequências semelhantes às mulheres vítimas de VS (Chapleau et al., 2008; Walfield, 2021). Estas consequências podem ter um impacto imediato ou de longa duração, afetando a saúde das vítimas a vários níveis e com repercussões nas diferentes esferas da sua vida (Basile & Smith, 2011; Depraetere et al., 2020). A nível físico, são normalmente apresentadas lesões (e.g., hematomas, arranhões, osso fraturados e lesão nas zonas genitais) e doenças sexualmente transmissíveis (e.g., HIV, sífilis ou HPV; Basile & Smith, 2011). Do ponto de vista psicológico e emocional, as vítimas podem apresentar medo, ansiedade, depressão, stress pós-traumático, pensamentos suicidas e dificuldades no relacionamento íntimo e social com outras pessoas (Depraetere et al., 2020; Fernández-Fuertes et al., 2020). Os sentimentos de culpa, vergonha e insegurança podem impedir, especialmente as vítimas do sexo masculino, de denunciar os incidentes às autoridades e/ou procurar ajuda (Kiss et al, 2020; Hendriks et al, 2018).

É também importante mencionar que as consequências da VS não afetam apenas as vítimas, podendo ter também impacto na família e na comunidade, sendo que as vítimas do sexo masculino podem ser abandonadas ou rejeitadas pelos seus familiares, devido aos mitos e estigma em torno da VS contra homens (Apperley, 2015; Kiss et al, 2020; Walfield, 2021). De acordo com Burt (1980), os mitos sobre a VS podem ser definidos como “crenças preconceituosas, estereotipadas e falsas sobre a violação, as vítimas e os agressores”. Ou seja, trata-se de crenças culturais que tendem a responsabilizar a vítima e a rejeitar a VS como um crime legítimo, negando ou minimizando os danos provocados na vítima (Burt, 1980).

Nesta sequência, Turchik e Edward (2012) identificaram os mitos sobre a VS contra homens, nomeadamente: (a) os homens não podem ser violados; (b) os homens “reais” conseguem defender-se da violação; (c) apenas os homossexuais são vítimas e/ou perpetradores de VS contra homens; (d) os homens não são tão afetados pela VS como as mulheres; (e) uma mulher não consegue agredir sexualmente um homem; (f) a VS contra os homens só ocorre em contexto prisional; (g) a VS cometida por alguém do mesmo sexo causa homossexualidade; (h) indivíduos homossexuais e bissexuais merecem ser vítimas de VS porque são imorais; e (i) se

um homem responder fisicamente a uma agressão sexual (se tiver uma ereção e/ou ejacular), desfrutou da experiência (Turchik & Edward 2012; Walfield, 2021).

Um dos primeiros estudos referentes a mitos sobre a VS contra homens foi realizado por Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (1992), onde desenvolveram uma escala com 12 itens para avaliar a aceitação destes mitos. A amostra foi constituída por 365 estudantes universitários (158 mulheres e 157 homens), com idade superior a 18 anos. Os resultados demonstraram que a maioria dos participantes discordava dos mitos, mas que os homens eram mais propensos do que as mulheres a endossar estes mitos, independentemente do sexo do agressor (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1992; Walfield, 2021). Por sua vez, Kassing et al. (2005) realizaram um estudo com uma amostra de conveniência de 210 homens, com idades entre os 19 e 78 anos, e concluíram que indivíduos mais velhos, com baixa escolaridade e com atitudes homofóbicas têm uma maior tendência para aceitar os mitos sobre VS contra homens.

Recentemente, Walfield (2021) realizou um estudo com 1.220 participantes da população geral e observou que apenas 20% dos participantes não aderiu a nenhum mito sobre a VS contra homens. As taxas de aceitação/concordância com os mitos variou entre 9.8% (e.g., “Um homem que se deixe violar por outro homem é provavelmente homossexual” e “A maioria dos homens que são violados por um homem são, de alguma forma, culpados por não ter escapado ou lutado contra o homem”) e 44.1% (e.g., “Mulheres que violam homens são pessoas sexualmente frustradas”). Para além disso, foi demonstrado que os homens endossam mais mitos do que as mulheres, assim como indivíduos mais velhos. Por outro lado, os participantes LGBTQIA+ apresentaram uma baixa aceitação/concordância com estes mitos. Relativamente à educação, e ao contrário do observado em estudos anteriores (e.g., Kassing, Beesley e Frey de 2005), indivíduos com baixa escolaridade e participantes com o ensino superior apresentaram taxas semelhantes de aceitação/concordância com os mitos. Finalmente, a adesão aos mitos foi reduzida nos participantes que reportaram conhecer vítimas de VS (Walfield, 2021).

É importante referir que os estereótipos de género e as crenças sexistas contribuem significativamente para a aceitação e manutenção dos mitos de VS contra homens (Gonçalves et al. 2014). Estes estereótipos são suportados por crenças e expectativas sociais acerca do comportamento dos homens em situações sexuais (Bates, 2019) que, por sua vez, mantêm crenças sobre a masculinidade tóxica (Bates 2019; Janos & Espinosa, 2018; Smiler et al. 2017; Pereira et al., 2021). Por outro lado, a investigação tem sugerido que indivíduos mais empáticos

e compassivos tendem a rejeitar com mais frequência os mitos sobre a VS (Boag & Carnelly, 2015; Goetz et al., 2010; Singer & Klimecki, 2014), ou seja, aqueles que demonstram uma genuína preocupação com o outro e que possuem uma maior capacidade para compreender as emoções e perspetivas de outrem, tendem a reconhecer e rejeitar as crenças sobre a VS (Decety & Yoder, 2015).

No que diz respeito ao estudo dos mitos sobre a VS contra homens, em Portugal os estudos centrados nesta temática são praticamente inexistentes, não existindo assim instrumentos válidos para a população portuguesa. Deste modo, a presente dissertação teve como objetivo adaptar e validar a Escala de Mitos sobre a Violência Sexual contra Homens (Melanson, 1998) para a população portuguesa, assim como estudar as suas características psicométricas. A validade de construto foi igualmente investigada em relação a variáveis externas, nomeadamente crenças sobre a VS, sexismo, empatia e compaixão. Adicionalmente, testou-se se os mitos sobre a VS contra homens variavam em função do sexo, idade, educação, nível socioeconómico, orientação sexual e do conhecimento prévio de casos de vitimação sexual. Neste sentido, foram estabelecidas as seguintes hipóteses de investigação: (1) Espera-se que a versão portuguesa da escala apresente a mesma estrutura fatorial da escala original; (2) Espera-se encontrar associações positivas entre os mitos sobre VS contra homens, as crenças sobre a VS e o sexismo; (3) Espera-se encontrar associações negativas entre os mitos sobre a VS contra homens, a empatia e a compaixão; e (4) Espera-se que homens heterossexuais mais velhos, provenientes de níveis socioeconómicos mais baixos e com menos conhecimento de casos de vitimação sexual endossem mais mitos sobre a VS contra homens. Tendo em conta os dados contraditórios relativamente a possíveis diferenças no endosso de mitos sobre a VS contra homens em função da educação, não foi estabelecida nenhuma hipótese nesse sentido.

Metodologia

Participantes

Este estudo foi realizado com pessoas da população geral, sendo que foram definidos os seguintes critérios de inclusão: a) idade igual ou superior a 18 anos; b) nacionalidade portuguesa; e c) residência em Portugal.

A amostra é composta por um total de 400 participantes entre os 18 e 73 anos de idade ($M = 36.91$; $DP = 12.25$). Destes, 299 (74.8%) são do sexo feminino e 101 (25.3%) do sexo masculino. A maioria dos participantes são heterossexuais (85.3%), têm formação superior (71.9%) e são maioritariamente de um nível socioeconómico médio (61%). Relativamente ao conhecimento prévio sobre casos de vitimação sexual, apenas 46.8% dos participantes responderam afirmativamente e 53.3% reportaram não ter conhecimento de nenhum caso de VS.

Tabela 1. *Caracterização sociodemográfica dos participantes*

	M	DP
Idade	36.91	12.25
	<i>N</i>	%
Sexo		
Feminino	299	74.8
Masculino	101	25.3
Orientação Sexual		
Heterossexual	341	85.3
Não Heterossexual	59	14.8
Escolaridade		
1º Ciclo	1	0.3
2º Ciclo	4	1.0
3º Ciclo	8	2.0
Ensino secundário	99	24.8
Ensino superior	287	71.9
Nível socioeconómico		
Baixo	119	29.8
Médio	244	61.0
Elevado	37	9.3

Conhecimento prévio de vítimas de VS		
Sim	187	46.8
Não	213	53.3

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

Tratou-se de um questionário elaborado especificamente para a presente dissertação e que permitiu recolher os dados sociodemográficos dos participantes como: idade, sexo, nacionalidade, residência, orientação sexual, grau de escolaridade e conhecimento prévio de casos de VS.

Escala de Mitos sobre a Violência Sexual Contra Homens

A Escala de Mitos sobre a Violência Sexual contra Homens avalia crenças preconceituosas e estereótipos subjacente à VS contra homens. É uma escala de autorresposta composta por 22 itens (e.g., “Geralmente, os homens são violados por homossexuais”). Cada item é medido numa escala de *Likert* de seis pontos (1 = discordo totalmente; 6 = concordo totalmente). A cotação obtém-se através da soma das respostas e quanto maior a pontuação total, maior o grau de aceitação a estas crenças. No estudo original, a consistência interna foi elevada, com um alfa de Cronbach $\alpha = .90$ (Walfield, 2021).

A escala foi traduzida e adaptada para português através de um procedimento de tradução e retroversão (Hambleton et al., 2005). A tradução foi realizada por três investigadores portugueses que são fluentes em português e inglês. O questionário foi depois novamente traduzido para inglês por um investigador nativo de língua inglesa, sem qualquer relação com este estudo. Finalmente, a escala foi testada qualitativamente numa amostra-piloto de 20 estudantes universitários. Serão apresentadas as análises das propriedades psicométricas da escala com a presente amostra na secção dos resultados.

Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)

A ECVS é um instrumento de autorrelato que mede o grau de tolerância/aceitação do sujeito relativamente ao uso de comportamentos sexualmente agressivos. É constituída por 30 itens (e.g., “Se uma pessoa já tiver mantido antes relações sexuais com a outra, então não se pode falar de violência sexual”) e cada um deles é respondido com base numa escala de *Likert* de cinco pontos (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente). A cotação obtém-se através da soma das respostas de cada item, sendo que quanto maior a pontuação, maior o grau de aceitação da violência sexual. (Martins et al., 2012).

A versão original da escala apresentou um elevado nível de consistência interna, sendo o alfa de Cronbach $\alpha = .91$ (Martins et al., 2012). Neste estudo obteve-se uma consistência interna de $\alpha = .92$.

Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA)

O Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA), avalia sexismo benevolente e hostil. É uma escala de autorresposta composta por 22 itens (e.g., “Em nome da igualdade, as mulheres procuram privilégios”) de tipo *Likert* de cinco pontos (1=discordo completamente, a 5=concordo completamente) (Formiga et al., 2002; Magalhães et al., 2007). Os valores de consistência interna para o sexismo benevolente na versão portuguesa tiveram uma amplitude de $\alpha = .80$, ligeiramente superior aos valores do estudo original ($\alpha = .75$). No sexismo hostil, verificou-se o inverso, na versão portuguesa o alfa de Cronbach foi ligeiramente inferior ($\alpha = .82$) à versão original ($\alpha = .87$) (Glick & Fiske, 1996; Magalhães et al., 2007). Neste estudo obteve-se um $\alpha = .87$ para o sexismo benevolente e um $\alpha = .90$ para o sexismo hostil.

Escala de Empatia (BES-A)

A Escala de Empatia (Jolliffe & Farrington, 2006; versão portuguesa: Pechorro et al., 2018; versão portuguesa reduzida: Pechorro et al., 2015), é uma escala bidimensional de autorresposta constituída por sete itens, onde quatro itens avaliam a empatia cognitiva (e.g., “Geralmente costumo perceber quando as pessoas estão contentes”) e três itens avaliam a empatia afetiva (e.g., “Costumo deixar-me influenciar pelos sentimentos dos meus amigos/as”). Cada item tem cinco opções de resposta tipo *Likert* (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente). A consistência interna na versão original foi de $\alpha = .85$ para a empatia afetiva e $\alpha = .79$ para a empatia cognitiva. Na versão portuguesa, a empatia afetiva foi de $\alpha =$

.80 e a cognitiva de $\alpha = .85$ (Anastácio et al., 2016; Pechorro et al., 2018). Na versão portuguesa reduzida obteve-se uma consistência interna de $\alpha = .79$ para a empatia afetiva e $\alpha = .76$ para a empatia cognitiva, e um α total = .80 (Pechorro et al., 2015; Pechorro 2018). No presente estudo, utilizou-se apenas a escala total que mostrou um nível de consistência interna de $\alpha = .75$

Escala de Compaixão Pelos Outros (EC)

A EC é uma escala de autorrelato constituída por 24 itens (e.g., “Sinto-me profundamente solidário para quem está em sofrimento/infeliz”), com cinco opções de resposta tipo Likert (1 = quase nunca; 5 = quase sempre). Tem como objetivo medir a compaixão pelos outros e é dividida em seis subescalas: Bondade; Humanidade Comum; Mindfulness; Indiferença; Separação e Não Envolvimento. No estudo original a consistência interna foi de $\alpha = .90$ e de $\alpha = .91$ na versão portuguesa (Sousa et al., 2017). Neste estudo obteve-se uma consistência interna de $\alpha = .89$.

Escala de Desejabilidade Social (SDRS-5)

A SDRS-5 é um instrumento de autorrelato composta por cinco itens que mede a desejabilidade social (e.g., “Sou sempre simpático, mesmo com pessoas que são mal-educadas”). Cada item tem cinco opções de resposta que variam entre 1 (totalmente verdadeiro) e 5 (totalmente falso). A cotação obtém-se através da soma dos itens, sendo feita uma reversão dos itens dois, três e quatro. Quanto mais alta a pontuação, maior a desejabilidade social. Na escala original, os valores da consistência interna tiveram uma amplitude de $\alpha = .66$ a $\alpha = .68$. Na versão portuguesa, o alfa de Cronbach foi de $\alpha = .72$ para a amostra masculina e de $\alpha = .71$ para a amostra feminina (Pechorro et al., 2019). No presente estudo obteve-se um $\alpha = .96$.

Procedimentos

Este estudo foi realizado no âmbito do projeto de investigação "FEMOFFENCE - O mito da inocência: Uma abordagem mista para a compreensão da violência sexual perpetrada por mulheres" (PTDC/PSI-GER/28097/2017), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Em primeiro lugar, o estudo foi submetido a aprovação da Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica da (EPCV) da Universidade Lusófona de Humanidades

e Tecnologias (ULHT). Após a devida aprovação da Comissão de Ética, foi criado um *link* na plataforma *Qualtrics* com o formulário do consentimento informado e protocolo de avaliação, que foi divulgado em diversas redes sociais pessoais e institucionais. Aos participantes, foi assegurado que a sua participação seria voluntária, e que os dados seriam confidenciais e utilizados apenas para fins de investigação. Não foi oferecida qualquer compensação monetária aos participantes.

Análise de Dados

No que diz respeito à análise dos dados, recorreu-se maioritariamente ao *software* IBM SPSS Statistics versão 28.0.1. Já a análise fatorial confirmatória foi realizada com o *software* JASP versão 0.16.3.

Realizou-se estatística descritiva (frequências, médias e desvio-padrão) para a análise dos dados sociodemográficos da amostra e análise da frequência de respostas aos itens da *Escala de Mitos sobre Violência Sexual Contra Homens*.

Para a avaliação da qualidade do ajustamento global do modelo, foi considerado como indicador o Qui-quadrado (χ^2). Quanto menor o seu valor, maior o ajustamento, sendo ideal um valor de $\chi^2 < .05$ (Barrett, 2007). A razão entre o χ^2 e os graus de liberdade (χ^2/gl) também foi considerada, com valores de referência para um modelo aceitável: (χ^2/gl) = 1, ajustamento perfeito; (χ^2/gl) < 2, bom; (χ^2/gl) < 5 aceitável; (χ^2/gl) > 5, inaceitável (Marôco, 2021). O *Comparative Fix Index* (CFI) foi considerado tendo em conta os seguintes indicadores, 1 = ajustamento perfeito; ≥ 0.95 = ajustamento excelente e ≥ 0.9 = ajustamento aceitável, podendo apresentar valores negativos (Hu & Bentler, 1998; Marôco, 2021). Quanto ao *Goodness of Fit Index* (GFI), foram considerados valores de referência idênticos aos do CFI (Hu & Bentler, 1998; Marôco, 2021). Para o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) foram considerados os seguintes valores: < .10 bom ajustamento e < .05 indica um ajustamento muito bom (Fadlelmula, 2011). A fiabilidade individual dos itens foi também avaliada segundo os valores r^2 superior a .25 e y superior a .5 (Marôco, 2021).

A fiabilidade da escala foi avaliada com os alfa de cronbach e ómega de mcdonalds. Relativamente à validade de construto, para as variáveis externas foram realizadas correlações de *Pearson*. A magnitude da correlação entre variáveis foi considerada fraca quando $|r| < .25$, moderada $.25 \leq |r| < .5$, forte $.5 \leq |r| < .75$ e, muito forte $|r| \geq .75$ (Marôco, 2021).

Para verificar se a aceitação de mitos de VS contra homens variava em função de variáveis sociodemográficas (i.e., sexo, idade, escolaridade, nível socioeconómico), da

orientação sexual e do conhecimento prévio de casos de vitimação sexual, elaborou-se a análise da Co-variância (ANCOVA). As variáveis supra foram inseridas como fatores fixos, a aceitação de mitos de VS contra homens como variável dependente e a desejabilidade social como co-variável. As comparações múltiplas de médias foram calculadas com ajustamento de *Bonferroni*. A magnitude do efeito foi calculada através do *partial eta square* (η^2p), considerando-se $\eta^2p = .01$ um efeito pequeno, $\eta^2p = .06$ efeito médio e $\eta^2p = .14$ um efeito elevado (Tabachnick & Fidell, 2013).

Resultados

Frequências de respostas aos itens da Escala de Mitos sobre Violência Sexual Contra Homens

Para melhor compreender o padrão de respostas sobre os mitos de violência sexual contra os homens, realizou-se uma análise de frequências dos 22 itens da escala. Como é reportado na Tabela 2, a maioria dos participantes não aderiu aos mitos sobre violência sexual contra homens. No entanto, observou-se que o mito mais prevalente entre a amostra foi “Mulheres que violam homens são pessoas sexualmente frustradas”, com uma taxa de concordância (“concordo” e “concordo fortemente”) de 27.3%. Por outro lado, o mito menos prevalente “Homens que «passeiam» nus num balneário estão mesmo a pedi-las” apresentou uma taxa de concordância de apenas 1.3%.

Tabela 2. *Tabela de Frequências das Respostas aos Itens da Escala de Mitos sobre Violência Sexual Contra Homens*

Item	DF		D		DL		CL		C		CF	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Mulheres que violam homens são pessoas sexualmente frustradas.	73	18.3	121	30.3	40	10.0	57	14.2	72	18	37	9.3
2. A extensão da resistência que um homem apresenta deve ser um fator importante para determinar se o mesmo foi violado.	136	34	109	27.3	49	12.3	50	12.5	51	12.8	5	1.3
3. Eu teria dificuldade em acreditar num homem que me dissesse que tinha sido violado por uma mulher.	175	43.8	134	33.5	26	6.5	33	8.3	26	6.5	6	1.5
4. Geralmente, os homens são violados por homossexuais.	160	40	129	32.3	32	8	37	9.3	40	10	2	0.5
5. Um homem pode desfrutar de sexo mesmo que esteja a ser forçado.	204	51	126	31.5	28	7	22	5.5	16	4	4	1
6. A maioria dos homens não gostaria de ser violado por uma mulher.	120	30	142	35.5	32	8	39	9.8	43	10.8	24	6
7. A maioria dos homens que são violados por uma mulher ficam muito perturbados com o incidente.	119	29.8	181	45.3	53	13.3	25	6.3	20	5	2	0.5
8. A maioria dos homens que são violados por uma mulher são, de alguma forma, culpados por não ter escapado ou lutado contra a mulher.	221	55.3	105	26.3	21	5.3	29	7.2	19	4.8	5	1.3
9. Muitos homens que alegam violação consentiram relações homossexuais, mas depois mudaram de ideias.	131	32.8	155	38.8	58	14.5	35	8.8	20	5	1	0.3
10. Qualquer homem saudável consegue resistir com sucesso a um violador se ele realmente quiser.	226	56.5	114	28.5	24	6	20	5	9	2.3	7	1.8
11. Se um homem teve uma ereção ao ser violado, então isso significa que ele começou a desfrutar do ato sexual.	215	53.8	121	30.3	27	6.8	24	6	24	6	13	3.3

12. É uma experiência terrível para um homem ser violado por uma mulher.	165	41.3	148	37	36	9	28	7	17	4.3	6	1.5
13. A maioria dos homens que são violados por uma mulher são, de alguma forma, culpados por não terem sido mais cuidadosos.	234	58.5	104	26	34	8.5	14	3.5	11	2.8	3	0.8
14. Se um homem se envolve em carícias e deixa a situação se descontrolar, a culpa é sua se for forçado a fazer sexo com o/a seu/sua parceiro/a.	234	58.5	107	26.8	26	6.5	17	4.3	15	3.8	1	0.3
15. Nenhum homem que se dê ao respeito admitiria ter sido violado.	246	61.5	99	24.8	20	5	11	2.8	17	4.3	7	1.8
16. Se um homem me dissesse que tinha sido violado por outro homem, eu suspeitaria que ele é homossexual.	258	64.5	96	24	19	4.8	14	3.5	11	2.8	2	0.5
17. Homens que “passeiam” nus num balneário estão mesmo a pedi-las.	314	78.5	62	15.5	14	3.5	5	1.3	3	0.8	2	0.5
18. Um homem que foi violado perdeu a sua virilidade/masculinidade.	283	70.8	88	22	11	2.8	11	2.8	5	1.3	2	0.5
19. A violação no sexo masculino é mais grave quando a vítima é heterossexual do que quando a vítima é homossexual.	293	73.3	73	18.3	17	4.3	7	1.8	9	2.3	1	0.3
20. A maioria dos homens que foram violados apresentam uma história de promiscuidade.	213	53.3	137	34.3	32	8	11	2.8	6	1.5	1	0.3
21. A maioria dos homens que são violados por um homem são, de alguma forma, culpados por não ter escapado ou lutado contra o homem.	285	71.3	88	22	11	2.8	8	2	6	1.5	2	0.5
22. Um homem que se deixe violar por outro homem é provavelmente homossexual.	288	72	75	18.8	20	5	9	2.3	5	1.3	3	0.8

Nota. DF- Discordo Fortemente | D- Discordo | DL- Discordo Ligeiramente | CL- Concordo Ligeiramente | CF- Concordo Fortemente | C- Concordo.

Análise Fatorial Confirmatória

Foi testada a estrutura unifatorial da versão original da escala com 22 itens (Melanson, 1998). No entanto, os resultados da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) não foram adequados, considerando os indicadores de ajustamento inaceitáveis e/ou o peso fatorial desadequado do item 1. Assim, a AFC foi novamente realizada após a exclusão do item 1. Este modelo apresentou bons indicadores de ajustamento (de CFI = .995, TLI = .994, GFI = .993, RMSEA = .067). O teste do Qui-quadrado também apresentou um valor adequado ($\chi^2(189) = 527.745$, $p < .001$; $\chi^2/gl = 2.79$). Além disso, tal como é reportado na Tabela 3, foram obtidos pesos fatoriais significativos ($p < .001$), bem como valores elevados de consistência interna (alpha de Cronbach = .918; ómega de McDonald = .916)

Tabela 3. *Pesos fatoriais dos itens*

Item	r^2	λ
2	.357	.597
3	.531	.726

4	.369	.607
5	.262	.512
6	.315	.562
7	.512	.715
8	.500	.707
9	.395	.628
10	.650	.806
11	.661	.813
12	.494	.703
13	.695	.834
14	.709	.842
15	.666	.816
16	.772	.879
17	.715	.846
18	.593	.770
19	.727	.852
20	.586	.766
21	.806	.898
22	.796	.892

Validade convergente e divergente

Conforme apresentado na Tabela 4, e no que diz respeito à validade convergente, as correlações de *Pearson* apresentaram uma associação positiva e significativamente forte entre os mitos sobre VS contra homens com as crenças sobre a VS, o sexismo hostil e o sexismo benevolente.

Relativamente à validade divergente, as correlações de *Pearson* mostraram que a os mitos sobre VS contra homens estão negativamente associados à empatia (correlação negativa fraca) e à compaixão (correlação negativa moderada).

Tabela 4. *Matriz de correlação entre os mitos sobre a VS contra homens e as variáveis externas*

	CrençasVS	Sexismo H	Sexismo_B	Empatia	Compaixão
Mitos VS contra homens	.743**	.642**	.653**	-.194**	-.341**

Nota. VS: Violência Sexual | Sexismo H: Sexismo Hostil | Sexismo B: Sexismo Benevolente | ** p < .001

Análise De Co-Variância Unifatorial (ANCOVA)

A co-variável desejabilidade social teve sempre um efeito significativo ($p < .05$) na variável dependente (mitos de violência sexual contra homens). Após controlar o efeito da co-variável desejabilidade social, verificaram-se diferenças significativas nos mitos sobre a VS contra homens em função de todas as variáveis independentes (sexo, idade, escolaridade, orientação sexual, nível socioeconómico e conhecimento prévio de casos de vitimação sexual). Os resultados da ANCOVA (cf. Tabela 5).

Tabela 5. ANCOVA a Fatores Fixos Com a Desejabilidade Social Como Co-Variável

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>P</i>	<i>ηp</i> ²
Sexo					
Feminino	38.963	.878	18.703	<.001	.053
Masculino	46.509	1.507			
Grupo Etário					
Jovens adultos	36.046	1.277	22.427	<.001	.060
Adultos	43.578	.947			
Escolaridade					
Com formação superior	38.304	.866	33.629	<.001	.087
Sem formação superior	48.123	1.454			
Nível socioeconómico					
Baixo	46.006	1.391	14.799	<.001	.078
Médio	37.642	.956			
Elevado	46.071	2.427			
Orientação sexual					
Heterossexual	41.622	.835	5.554	.019	.016
Não heterossexual	36.429	2.039			
Conhecimento prévio Vítimas VS					
Sim	37.859	1.132	13.048	<.001	.036
Não	43.408	1.037			

Discussão

A violência sexual (VS) é um problema de saúde pública a nível global que afeta as pessoas de ambos os sexos e de todas as comunidades (WHO, 2012; WHO, 2021). Apesar de a investigação demonstrar que a maioria das vítimas de VS são do sexo feminino, os homens também pode ser vítimas desta forma de violência (e.g., Turchik, 2012; Hines & Douglas, 2016). No entanto, as taxas de prevalência da VS contra homens podem estar subestimadas, tendo em conta que as vítimas do sexo masculino denunciam menos os incidentes de VS, por receio de serem desacreditados, culpabilizados ou estigmatizados (Kiss et al, 2020; Hendriks et al, 2018). O estigma em torno da VS contra homens pode ser explicado, pelo menos parcialmente, pelo endosso de mitos sobre a VS contra homens por parte da população geral. Assim, parece ser importante a implementação de ações de sensibilização e/ou programas de prevenção comunitários, capazes de transmitir informação factual sobre a sexualidade e VS contra homens, infirmando assim os mitos e crenças erróneas sobre o fenómeno (Walfield, 2021). Contudo, antes da implementação destas intervenções, é crucial o desenvolvimento e/ou adaptação de medidas robustas que avaliem estes mitos. Assim, esta Dissertação procurou responder a esta importante necessidade, e propôs-se adaptar e validar para a população portuguesa a Escala de Mitos sobre a Violência Sexual contra Homens (Melanson, 1998). Especificamente, pretendeu-se estudar as características psicométricas da escala, bem como testar a validade de construto em relação a variáveis externas, nomeadamente, as crenças sobre a VS, o sexismo, a empatia e a compaixão. Adicionalmente, foi investigado se os mitos sobre a VS contra homens variavam em função do sexo, idade, educação, nível socioeconómico, orientação sexual e do conhecimento prévio de casos de vitimação sexual.

Os resultados apontaram para bons indicadores de ajustamento da estrutura unifatorial da escala, após a exclusão do item 1 (que não apresentou pesos fatoriais adequados). A escala apresentou também níveis elevados de consistência interna, suportando a confiabilidade da escala. De forma global, estes resultados sugerem que a Escala de Mitos sobre a Violência Sexual contra Homens é uma medida robusta e confiável, suportando a sua utilização com adultos da população geral. Deste modo, parece ser adequado utilizar a escala como medida de resultado da eficácia de ações de sensibilização e/ou programas de prevenção comunitária, que tenham como objetivo prevenir a VS em geral, e a VS contra homens em particular (Walfield, 2021).

No que diz respeito à validade convergente, os resultados mostraram que os mitos sobre a VS contra homens estão positivamente associados às crenças sobre a VS e ao sexismo,

à semelhança do que foi observado em estudos anteriores (Davies et al., 2012; Kassing et al., 2005; Scarpati et al., 2014). Ou seja, a aceitação dos papéis tradicionais de género parece estar subjacente às crenças sobre a VS e aos mitos sobre a VS contra homens, o que reforça a importância de infirmar estas ideias estereotipadas sobre género, VS no geral e VS contra homens no âmbito de intervenções comunitárias. A menor aceitação destas crenças poderá contribuir para o aumento das denúncias e da procura de ajuda (formal e informal) por parte dos homens vítimas de VS (Donnelly & Kenyon, 1996; Kassing et al., 2005; Larsen & Hilden, 2016).

Relativamente à validade divergente, os resultados mostraram que os mitos sobre a VS contra homens se associam negativamente à empatia e à compaixão. A investigação tem vindo a demonstrar que pessoas mais empáticas e compassivas endossam menos estes mitos e que têm maior tendência para intervir em situações de VS (Leone et al., 2020). Assim, para além de as intervenções comunitárias identificarem como alvo de mudança as crenças e atitudes disfuncionais (e.g., estereótipos de género, sexismo, crenças sobre a VS), parece ser importante incluírem o desenvolvimento de competências socioemocionais prossociais (i.e., empatia e compaixão; O'Donohue et al., 2003; Sciacca et al., 2021).

Finalmente, os resultados deste estudo mostraram que o endosso de mitos sobre VS contra homens varia em função de características sociodemográficas, à semelhança do que foi observado em estudos anteriores (Chapleau, 2008; Davies et al., 2012; Kassing et al., 2005; Kazmi et al., 2023; Walfield, 2021). Especificamente, observou-se que homens mais velhos, heterossexuais, com menos qualificações académicas, de níveis socioeconómicos baixos e sem conhecimento prévio de casos de vitimação sexual endossam mais mitos. De forma global, estes resultados enfatizam a importância do desenvolvimento e implementação de ações de sensibilização/programas de prevenção capazes de infirmar estes mitos em pessoas com as características supramencionadas (Melanson, 1998; Walfield, 2021).

Relativamente às limitações deste estudo, importa referir a pouca representatividade da amostra. Neste estudo, participaram maioritariamente pessoas jovens do sexo feminino, heterossexuais e com formação superior. É importante que estudos futuros sejam realizados com uma amostra de maior dimensão e mais representativa da população portuguesa. Outra limitação deste estudo e reconhecida pelo autor da escala original consiste no facto de o instrumento ter sido desenvolvido nos Estados Unidos da América com uma amostra de estudantes universitários, que difere do contexto da população portuguesa em geral, que apresenta características sociais e culturais específicas. Deste modo, alguns dos itens poderão

ter uma frequência e significância diferentes em Portugal (Melanson, 1998). Apesar disso, este estudo mostrou que os itens contribuíram de uma forma significativa para a escala e que esta é um instrumento fiável para ser utilizado em Portugal.

Apesar das limitações, este estudo apresenta também potencialidades. A investigação na área da VS contra homens é escassa de forma global, e em Portugal de forma particular. Deste modo, o presente estudo é inovador e relevante não só para o contexto português, mas também do ponto de vista internacional. Outra potencialidade deste estudo é o facto de ter sido realizado com uma amostra da população geral, não se limitando a uma amostra universitária. Apesar de os estudos com amostras de estudantes universitários serem relevantes (considerando a elevada prevalência da VS no contexto universitário; Carvalho & Sá, 2020), a investigação demonstra que a VS afeta todas as comunidades (WHO, 2012, 2021), pelo que os estudos realizados com a população geral possibilitam uma visão mais abrangente do fenómeno. De forma global, esta investigação disponibiliza um instrumento robusto de avaliação de mitos sobre a VS contra homens, que tem a potencialidade de ser utilizado como medida de resultado no âmbito de programas de prevenção da VS, que tenham como objetivo infirmar estas crenças erróneas na população geral (Walfield, 2021).

Referências

- American Psychological Association. (2018). *Sexual abuse*. APA. Retirado de: <https://www.apa.org/topics/sexual-abuse/index.aspx>
- Anastácio, S., Vagos, P., Nobre-Lima, L., Rijo, D., & Jolliffe, D. (2016). The Portuguese version of the Basic Empathy Scale (BES): Dimensionality and measurement invariance in a community adolescent sample. *European Journal of Developmental Psychology*, 13(5), 614–623. doi:10.1080/17405629.2016.1167681
- Apperley, H. (2015). Hidden victims: a call to action on sexual violence against men in conflict. *Medicine, conflict and survival*, 31(2), 92-99.
- Ashar, Y. K., Andrews-Hanna, J. R., Halifax, J., Dimidjian, S., & Wager, T. D. (2021). Effects of compassion training on brain responses to suffering others. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 16(10), 1036-1047. <https://doi.org/10.1093/scan/nsab068>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2022a). O que é a Violência Sexual?. APAV. Unisexo. <https://apav.pt/unisexo2/index.php/pt/features>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2021). *Estatísticas APAV. Crimes sexuais 2013-2018*. https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_CrimesSexuais_2013_2018.pdf
- Barrett, P. (2007), "Structural Equation Modelling: Adjudging Model Fit," *Personality and Individual Differences*, 42 (5), 815-24. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2006.09.018>
- Bates, E. A., Klement, K. R., Kaye, L. K., & Pennington, C. R. (2019). The Impact of Gendered Stereotypes on Perceptions of Violence: A Commentary. *Sex Roles*. doi:10.1007/s11199-019-01029-9
- Batson, C. D. (2011). *Altruism in humans* (1ª Ed.). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Batson, C. D., Lishner, D. A., & Stocks, E. L. (2015). The Empathy – Altruism Hypothesis. In D. A. Schroeder, & W. G. Graziano (Ed.), *The Oxford Handbook of Prosocial Behavior*. Nova Iorque: Oxford University Press. doi: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195399813.013.023>
- Basile, C., & Smith, G. (2011). Sexual violence victimization of women: Prevalence, characteristics, and the role of public health and prevention. *American journal of lifestyle medicine*: 5(5), 407-417.
- Basile, C., Smith, G., Breiding, J., Black, C., & Mahendra, R. (2014). Sexual Violence Surveillance: Uniform Definitions and Recommended Data Elements. Version 2.0. <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/26326>

- Berliner, R., & Masterson, T. L. (2015). Review of Research: Promoting Empathy Development in the Early Childhood and Elementary Classroom. *Childhood Education*, 91(1), 57–64. <https://doi.org/10.1080/00094056.2015.1001675>
- Boag, E. M., & Carnelley, K. B. (2015). Attachment and prejudice: The mediating role of empathy. *British Journal of Social Psychology*, 55(2), 337–356. doi:10.1111/bjso.12132
- Brinkman, B. G., Dean, A. M., Simpson, C. K., McGinley, M. & Rosén, L. A. (2015). Bystander Intervention During College Women's Experiences of Gender Prejudice. *Sex Roles*, 72(11-12), 485–498. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-015-0485-x>
- Budd, K. M. (2017). Female Sexual Offenders. *Handbook of Behavioral Criminology*, 297–311. https://doi.org/10.1007/978-3-319-61625-4_17
- Burt, R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of personality and social psychology*: 38(2), 217.
- Carvalho, J., & Brazão, N. (2020). Women's sexual violence of Male. Intimate Partners. In, Shackelford, T., *The Sage Handbook of domestic violence* (pp. 241-254). SAGE Publications
- Carvalho, J., & Sá, A. (2020). Male college students using sexually aggressive strategies: Findings on the interpersonal relationship profile. *Journal of Interpersonal Violence*. doi:10.1177/0886260516689779
- Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (2018). Dynamic risk factors characterizing aggressive sexual initiation by female college students. *Journal of interpersonal violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260518760010>
- Chapleau, K. M., Oswald, D. L., & Russell, B. L. (2008). Male Rape Myths. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(5), 600–615. doi:10.1177/0886260507313529
- Costa, P. A., Oliveira, R., Pereira, H., & Leal, I. (2015). Adaptação dos inventários de sexismo moderno para Portugal: O inventário de sexismo ambivalente e o inventário de ambivalência em relação aos homens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(1), 126–135. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528114>
- Davies, M., Gilston, J., & Rogers, P. (2012). Examining the Relationship Between Male Rape Myth Acceptance, Female Rape Myth Acceptance, Victim Blame, Homophobia, Gender Roles, and Ambivalent Sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(14), 2807–2823. doi:10.1177/0886260512438281

- Decety, J. & Yoder, K. J. (2015). Empathy and motivation for justice: Cognitive empathy and concern, but not emotional empathy, predict sensitivity to injustice for others. *Social Neuroscience*. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/17470919.2015.1029593>
- Depraetere, J., Vandeviver, C., Beken, V., & Keynaert, I. (2020). Big boys don't cry: A critical interpretive synthesis of male sexual victimization. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(5), 991-1010.
- Donnelly, D. A., & Kenyon, S. (1996). "Honey, We Don't Do Men." *Journal of Interpersonal Violence*, 11(3), 441–448. doi:10.1177/088626096011003009
- Hendriks, B., Vandenberghe, A., Peeters, L., Roelens, K., & Keynaert, I. (2018). Towards a more integrated and gender-sensitive care delivery for victims of sexual assault: key findings and recommendations from the Belgian sexual assault care centre feasibility study. *International journal for equity in health*:17(1), 1-10.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1998). Fit indices in covariance structure modeling: Sensitivity to underparameterized model misspecification. *Psychological Methods*, 3(4), 424–453. <https://doi.org/10.1037//1082-989x.3.4.424>
- Fadlelmula, F. K. (2011). Assessing Power of Structural Equation Modeling Studies : A Meta-Analysis. *Education Research Journal*, 1(3), 14–23. <http://resjournals.com/ERJ/Abstract/2011/August/FADLELMULA.htm>
- Fernández-Fuertes, A. A., Fernández-Rouco, N., Lázaro-Visa, S., & Gómez-Pérez, E. (2020). Myths about sexual aggression, sexual assertiveness and sexual violence in adolescent romantic relationships. *International journal of environmental research and public health*, 17(23), 8744.
- Fitz, C. C. & Zucker, A. N. (2014). Feminist With Benefits: College Women's Feminist Beliefs Buffer Sexual Well-Being Amid Hostile (Not Benevolent) Sexism. *Psychology of Women Quarterly*, 38(1), 7-19. doi: <https://doi.org/10.1177/0361684313504736>
- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, 7, 103-111. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Goetz, J. L., Keltner, D., & Simon-Thomas, E. (2010). Compassion: An evolutionary analysis and empirical review. *Psychological Bulletin*, 136(3), 351–374. doi:10.1037/a0018807

- Gonçalves, G., Orgambídez-Ramos, A., Giger, J. C., Santos, J., & Gomes, A. (2014). Evidencias de validez de la adaptación portuguesa de la Escala de Sexismo Ambivalente. *Revista de Psicología Social: International Journal of Social Psychology*, 30(1), 152–181. <https://doi.org/10.1080/02134748.2014.991518>
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., Spielberger, C. D. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Hines, D., & Douglas, E. (2016). Sexual Aggression Experiences Among Male Victims of Physical Partner Violence: Prevalence, Severity, and Health Correlates for Male Victims and Their Children. *Archives of Sexual Behavior*: 45(5), 1133–1151. doi:10.1007/s10508-014-0393-0
- Janos, U. E., & Espinosa, P. A. (2018). Sexismo ambivalente y su relación con la aceptación de mitos sobre la violencia sexual en una muestra de Lima. *Revista de Investigación Psicológica*, (19), 61-74.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29(4), 589–611. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010>
- Kassing, L. R., Beesley, D., & Frey, L. L. (2005). Gender role conflict, homophobia, age, and education as predictors of male rape myth acceptance. *Journal of Mental Health Counseling*, 27, 311-328.
- Kassing, L. R., & Prieto, L. R. (2003). The Rape Myth and Blame-Based Beliefs of Counselors-in-Training Toward Male Victims of Rape. *Journal of Counseling & Development*, 81(4), 455–461. doi:10.1002/j.1556-6678.2003.tb00272.x
- Kazmi, S. M. A., Tarar, A. H., Nasir, A., & Iftikhar, R. (2023). Victim blaming, prior history to sexual victimization, support for sexually assaulted friends, and rape myths acceptance as predictors of attitudes towards rape victims in the general population of Pakistan. *Egyptian Journal of Forensic Sciences*, 13(1), 1-10.
- Kiss, L., et al. (2020). Male and LGBT survivors of sexual violence in conflict situations: a realist review of health interventions in low-and middle-income countries. *Conflict and health*: 14(1), 1-26.
- Larsen, M.-L., & Hilden, M. (2016). Male victims of sexual assault; 10 years' experience from a Danish Assault Center. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 43, 8–11. doi:10.1016/j.jflm.2016.06.007

- Leone, R. M., Oyler, K. N., & Parrott, D. J. (2020). Empathy Is Not Enough: The Inhibiting Effects of Rape Myth Acceptance on the Relation Between Empathy and Bystander Intervention. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626051990032. doi:10.1177/0886260519900328
- Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2016). Help-seeking and needs of male victims of intimate partner violence in Portugal. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(3), 255.
- Marôco, J. (2021). Análise Estatística com o SPSS. ReportNumber, Lda. (8 ed.).
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de crenças sobre violência sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30(1/2), 177-191
- Masser, B., Lee, K., & McKimmie, B. M. (2009). Bad Woman, Bad Victim? Disentangling the Effects of Victim Stereotypicality, Gender Stereotypicality and Benevolent Sexism on Acquaintance Rape Victim Blame. *Sex Roles*, 62(7-8), 494–504. doi:10.1007/s11199-009-9648-y
- Melanson, P. K. (1998). Belief in male rape myths: A test of two competing theories (Doctoral dissertation, Queen's University). *Dissertation Abstracts International*, 59, 5620.
- O'Donohue, W., Yeater, E. A., & Fanetti, M. (2003). Rape Prevention With College Males. *Journal of Interpersonal Violence*, 18(5), 513–531. doi:10.1177/0886260503251070
- Paula, R. C. M., & da Rocha, F. N. (2019). Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. *Revista Mosaico*, 10(2Sup), 82-88.
- Payne, L., Lonsway, A., & Fitzgerald, F. (1999). Rape myth acceptance: Exploration of its structure and its measurement using the Illinois Rape Myth Acceptance Scale. *Journal of Research in Personality*, 33(1), 27-68.
- Pechorro, P., Jesus, S. N., Kahn, R. E., Gonçalves, R. A., & Barroso, R. (2018). The Short Version of the Basic Empathy Scale among a School Sample of Portuguese Youths: Validity, Reliability and Invariance. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 4(49), 157-169. <https://doi.org/10.21865/RIDEP49.4.13>
- Pechorro, P., Ray, J. V., Salas-Wright, C. P., Maroco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). Adaptation of the Basic Empathy Scale among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime and Law*, 21(7), 699–714. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2015.1028546>

- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R., Jesus, S., & Simões, M. (2019). A Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5: Validação numa Amostra Escolar de Jovens Portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 52(3), 15–25. <https://doi.org/10.21865/ridep52.3.02>
- Pereira, G. C., Gama, R. M., da Conceição, M. R. D., & Dias, M. A. S. (2021). Uma abordagem sobre a masculinidade tóxica em uma escola do Bairro da Terra-Firme em Belém/Pa. *Revista Conexões de Saberes*, 4(1), 57-63.
- Poerwandari, E. K., Utami, C. P., & Primasari, I. (2019). Ambivalent sexism and sexual objectification of women as predictors of rape myth acceptance among male college students in Greater Jakarta. *Current Psychology*, 40(12), 5909–5918. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00500-w>
- Scarduzio, J. A., Carlyle, K. E., Harris, K. L., & Savage, M. W. (2017). “Maybe she was provoked” exploring gender stereotypes about male and female perpetrators of intimate partner violence. *Violence Against Women*, 23(1), 89-113. <https://doi.org/10.1177/1077801216636240>
- Scarpatti, A. S., Guerra, V. M., & Duarte, C. N. B. (2014). Adaptação da Escala de Aceitação dos Mitos de Estupro: evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 57–65.
- Sciacca, B., Mazzone, A., O’Higgins Norman, J., & Foody, M. (2021). Blame and responsibility in the context of youth produced sexual imagery: The role of teacher empathy and rape myth acceptance. *Teaching and Teacher Education*, 103, 103354. doi:10.1016/j.tate.2021.103354
- Singer, T., & Klimecki, O. M. (2014). Empathy and compassion. *Current Biology*, 24(18), R875-R878.
- Smiler, A. P., Shewmaker, J. W., & Hearon, B. (2017). From “I Want To Hold Your Hand” to “Promiscuous”: Sexual Stereotypes in Popular Music Lyrics, 1960–2008. *Sexuality & Culture*, 21(4), 1083–1105. doi:10.1007/s12119-017-9437-7
- Smith, G., et al. (2018). The national intimate partner and sexual violence survey: 2015 data brief–updated release. *Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention*.
- Singer, T., & Klimecki, O. M. (2014). Empathy and compassion. *Current Biology*, 24(18), R875–R878. doi:10.1016/j.cub.2014.06.054
- Sousa, R., Castilho, P., Vieira, C., Vagos, P., & Rijo, D. (2017). Dimensionality and gender-based measurement invariance of the Compassion Scale in a community sample.

Personality and Individual Differences, 117, 182–187.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.06.003>

Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1992). Acceptance of male rape myths among college men and women. *Sex Roles*, 27(3-4), 85–100. doi:10.1007/bf00290011

Tabachnick, B. & Fidell, L. (2013). Using multivariate statistics. Pearson.

Walfield, M. (2021). “Men cannot be raped”: Correlates of male rape myth acceptance. *Journal of interpersonal violence*: 36(13-14), 6391-6417.

World Health Organization. (2012). Sexual violence. Retrieved from http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77434/1/WHO_RHR_12.37_eng.pdf

World Health Organization. (2021). Violence against women prevalence estimates, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women.